



# Oswald Barroso, Um Companheiro de Estrada: o legado cultural do artista e do acadêmico

*Oswald Barroso, A Travel Companion: the cultural legacy of the artist and the academic*

**Rosemberg Cariry**   
cariri.filmes@uol.com.br  
Cariri Filmes

 10.52521/opp.v22n47.15068

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 25/02/2025

Aprovação do trabalho: 01/03/2025

Publicação do trabalho: 31/03/2025

## Resumo

Este artigo discute aspectos da vida e da obra de Oswald Barroso (1949–2024), sociólogo, professor, jornalista, dramaturgo e artista múltiplo que desempenhou papel fundamental na cultura do Ceará, sobretudo no fortalecimento de manifestações populares e na formação de pesquisadores e artistas. Apresenta-se, ainda, uma perspectiva memorialística da amizade entre Barroso e o autor, evidenciando parcerias desenvolvidas em movimentos culturais marcantes das décadas de 1970, 1980 e 1990. O texto explora as múltiplas facetas de Barroso, desde sua atuação acadêmica até suas criações artísticas, ressaltando sua busca por valorizar as culturas populares e articular práticas de resistência social e política.

## Palavras-chave

Oswald Barroso. Cultura Popular e Arte de Resistência. Grupo Por Exemplo. Nação Cariri. Siriará. Teatro cearense.

## Abstract

This article discusses aspects of the life and work of Oswald Barroso (1949–2024), a sociologist, professor, journalist, playwright, and multifaceted artist who played a pivotal role in Ceará's culture, mainly by strengthening popular manifestations and training researchers and artists. In addition, it offers a memorial perspective of Barroso's friendship with the author, highlighting partnerships in key cultural movements of the 1970s, 1980s, and 1990s. The text explores Barroso's academic undertakings and artistic creations, emphasizing his efforts to promote popular cultures and foster forms of social and political resistance.

## Keywords

Oswald Barroso. Popular Culture and Art of Resistance. Grupo Por Exemplo. Nação Cariri. Siriará. Cearense Theater.

## Oswald Barroso: uma trajetória

Bem antes de mencionar quando e como as minhas vivências culturais e artísticas convergem com as de Raimundo Oswald Cavalcante Barroso, conhecido como Oswald Barroso, é importante destacar que esse acadêmico e sociólogo foi também jornalista, escritor, poeta, cineasta, ator e dramaturgo, deixando um relevante legado para as culturas e as artes cearenses e brasileiras, por ter se identificado com as raízes culturais, as lutas e as causas políticas mais avançadas de sua gente.

Portador de uma sólida formação acadêmica em Ciências Sociais, teve igualmente uma boa formação marxista e humanista contemporânea, mantendo-se atento às teorias críticas dos pensadores que estudaram as sociedades e crises mundiais na atualidade, sobretudo em suas relações políticas, econômicas e culturais. Formou-se em Comunicação Social na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também fez mestrado e doutorado em Sociologia; posteriormente, concluiu Estágio Pós-Doutoral em Teatro com o projeto “A máscara e sua performance no Nordeste brasileiro”, em 2014, na Escola de Teatro da UNIRIO, no Rio de Janeiro. Colaborou com pesquisas sobre reisado, maracatu, dramas populares, cavalo-marinho e outros folguedos nordestinos no núcleo de estudos da UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Esse aspecto da atuação acadêmica de Oswald Barroso, com notável papel de educador em comunidades e universidades, muitas vezes foi eclipsado pela visibilidade de sua atuação artística e social, sempre inquieta e divulgada mais amplamente pela imprensa. Vale lembrar também que, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), por anos, foi professor e colaborou na formação de dezenas de profissionais que se desenvolveram em diálogo com seus saberes acadêmicos e práticos, enfrentando os desafios que ele apresentava ao criar grupos de estudos especializados e laboratórios de pesquisas sociais e culturais, como o “Núcleo de Estudos das Performances Afro-ameríndias”. Esse espaço dinâmico possibilitou a criação de parcerias com educadores e pesquisadores de teatro, música e outras representações culturais afro-brasileiras, ameríndias e de outras etnias formadoras do corpus que constitui a diversidade da cultura brasileira, tanto do Nordeste como de outras regiões do país.

Percebe-se que o amplo trabalho de Oswald Barroso, como estudioso e militante das artes e da cultura, está inserido em sua trajetória de vida de forma inseparável. Seu cerne é a cultura — entendida como ação viva na transmissão de saberes e valores sociais, força vital na luta cotidiana por melhores dias, sempre reforçada por renovadas utopias. Na condição de professor, escritor e pesquisador, ele escreveu livros e apostilas de estética, história da arte e da cultura brasileira, ensinando tais conteúdos a seus alunos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e de outras instituições, por meio de

conferências e palestras.

Um dos traços marcantes do professor Oswald Barroso era trazer para as aulas, além de sua erudição e de seus textos acadêmicos, o conhecimento e a visão de mundo dos chamados mestres e mestras da tradição popular, incentivando a pesquisa de campo e o contato direto com artistas populares e comunidades sertanejas. Esse aspecto pedagógico desenvolvido por Oswald, fundamental para compreender a extensão de sua obra, propunha uma formação acadêmica enraizada na cultura do povo (em sua diversidade étnica e cultural), oferecendo uma vivência prática na forma de experiência de campo, simultaneamente real e imaginária, em que o diálogo constante entre teoria, realidade sociocultural e universo simbólico gerava novas percepções.

Essa perspectiva mais ampla da educação popular foi introduzida por Oswald Barroso na vida acadêmica, por exemplo, no grupo de pesquisa do CNPq intitulado “Cultura Brasileira: Educação e Práticas Pedagógicas”, proposto por ele. Dessa maneira, ao longo do tempo, criou centros de estudos e pesquisas, sem descuidar de produzir meios de registro para preservar e difundir os costumes, saberes e expressões artísticas das classes sociais menos favorecidas, muitas vezes excluídas, onde a sobrevivência, a resistência e a luta se dão em meio às contradições sociais e políticas do dia a dia.

Além de suas contribuições acadêmicas, ao dedicar-se a estudos sociológicos e antropológicos que analisavam e interpretavam criticamente o significado de fenômenos sociais e culturais populares pouco estudados, Oswald Barroso difundiu as simbologias e práticas que compõem o patrimônio cultural imaterial do povo cearense e nordestino, prestando assim uma reconhecida colaboração à cultura regional. Também foi um militante, uma voz ativa na sociedade, cobrando de forma contínua que as instituições públicas assumissem seus deveres e obrigações em relação à cultura popular. Em muitos momentos, viveu as contradições entre sua condição de artista e militante político de esquerda e os cargos públicos que exerceu. Pois, ao lado do acadêmico e do servidor do Estado, estava o artista rebelde, que teve forte atuação na chamada “cultura independente” cearense, participando de movimentos culturais e artísticos populares como Grupo Urubu, Grupo de Teatro Grita (dirigido pelo inesquecível José Carlos Matos), Grapo, Grupo Siriará de Literatura, Salão de Outubro, Movimento Nação Cariri, Centro de Literatura, Arte e Ciência (CLAC), cia. de Teatro da Boca Rica, Teatro de Caretas, entre outros. Como gestor de instituições culturais do Estado do Ceará, à frente do Teatro José de Alencar e do Museu da Imagem e do Som (entre outros exemplos), manteve o compromisso de democratizar acessos e saberes, respeitando e valorizando tanto as manifestações artísticas eruditas quanto as populares.

A relação visceral de Oswald Barroso com a cultura do povo cearense (aqui compreendida como a manifestação de certa parcela da população de baixa renda, locali-

zada na periferia da capital e no interior do estado) foi vivida intensamente, por meio de um trabalho contínuo de pesquisa e práxis, que o conduziu a descobertas relevantes e a posições estéticas e políticas firmes. Essa atitude se reflete em sua produção literária, não apenas em textos acadêmicos e jornalísticos, mas sobretudo na poesia e no teatro, ou ainda em sua colaboração em obras cinematográficas, nas quais Barroso abordou, com lirismo e realismo, a cultura popular como forma de resistência e luta pela transformação social e política. Ele percebia a globalização neoliberal como força homogeneizadora avassaladora, vinda de grandes centros de poder e exercida por meio de violência econômica e do controle da indústria cultural, ameaçando as culturas dos menos favorecidos e deserdados da terra, nas vilas dos sertões e nas periferias das cidades. Em ensaios, artigos e entrevistas, Barroso realçava que as expressões culturais populares são formas sociais e simbólicas de resistência à “colonização” cultural secularmente perpetuada pela elite dominante contemporânea, pela mídia hegemônica e pela indústria cultural. Em trabalhos como *Ceará Mestiço* e *Ceará Nômade*, ele revela, de modo incisivo, seu posicionamento crítico em relação às formas de dominação, bem como aos processos históricos, sociais e econômicos, valendo-se de textos consistentes — sejam acadêmicos, jornalísticos, poéticos ou documentais — que abrangem as mais amplas dimensões simbólicas e modos de vida de segmentos expressivos do Ceará, em especial os mais pobres e expostos à exploração.

Em seus livros, Barroso sempre realçava a sabedoria da ancestralidade em seus modos de sobrevivência e em suas expressões artísticas e culturais, suas hibridações e ações existenciais na modernidade, atribuindo-lhes grande relevância.

Como pesquisador acadêmico, ao documentar tradições populares como o rei-sado, o bumba-meu-boi, os cocos, o catimbó, as danças de roda, as poéticas e cantares, as técnicas artesanais, os autos, as danças dramáticas, as peças teatrais e festas das periferias e pequenas comunidades, Barroso empregava metodologia antropológica/etnográfica e sociológica, diferenciada pelo envolvimento com a comunidade. Em sua visão, o registro cultural não deveria ser uma prática distante, mas uma interação viva com os participantes, que permitisse ao pesquisador-cidadão (homem científico e político, portanto ético) compreender significados mais profundos. Sua abordagem motivava a sensibilidade e sociabilidade do estudioso, atuando de forma participativa e inclusiva, de modo a assegurar que essas práticas continuassem a ser repassadas e adaptadas pelas comunidades e pelas gerações, segundo as necessidades sociais e a dinâmica histórica. Assim como o filósofo e antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini (2013), Oswald Barroso enxergava essas culturas populares como processos de hibridação e como possibilidades de “entrar e sair da modernidade”.

O teatro foi uma das grandes paixões de Barroso, que escreveu e dirigiu (além

de atuar em algumas ocasiões) diversas peças nos palcos do Ceará e de outros estados. Essas peças apresentavam cenas típicas da cultura nordestina, histórias sobre religiosidade popular, folguedos, conflitos sociais e utopias, numa atmosfera que misturava lirismo e crítica social. Sua proposta artística transitava entre influências do teatro contemporâneo brasileiro (afro-indígena, europeu e asiático) e do teatro popular, incluindo elementos de rituais como o reisado do congo, o bumba-meu-boi e as dramatizações circenses, criando um cenário de encantamento “para divertir e conscientizar”, aproximando-se, portanto, do modelo de Bertolt Brecht, sem ignorar as dimensões políticas e as reflexões sobre consciência de classe. Em síntese, Barroso entendia que essas manifestações populares, além de ajudarem a construir a identidade coletiva, também poderiam impactar a realidade, trazendo possíveis transformações materiais e simbólicas à vida em comunidade.

Enquanto escritor, poeta, cronista, jornalista e acadêmico, Barroso publicou vinte e nove títulos, entre peças teatrais, ensaios sobre folguedos, coletâneas e textos abrangendo história, sociologia e antropologia. Aqui destaco a obra inédita *Trem Azul*, manuscrito digitalizado (2020), em que narra experiências pessoais e coletivas ocorridas entre 1975 e 1990, período de suas vivências culturais mais intensas, quando ele e eu atuamos juntos. Nesse manuscrito busquei algumas referências para este artigo.

A partir de 1979, quando Fortaleza, Recife e outras grandes cidades do Nordeste viviam o ciclo do cinema Super-8, também surgiu no Cariri cearense gente produzindo filmes documentários e de ficção nessa bitola (Jackson Bantim, Émerson Monteiro, Ronaldo Brito, Francisco Assis, José Roberto França, Luiz José dos Santos, Heron Aquino, entre outros). Um passo decisivo ocorreu quando Jefferson de Albuquerque Jr., Hermano Penna e eu começamos, naquela época, a rodar na região os primeiros filmes em 16 mm, com maior repercussão. Nesse período, trabalhando para o Centro de Referência Cultural do Estado – CERES<sup>1</sup> – Secult-CE (1975-1990), Oswald Barroso e Carlos Lázaro produziram o curta *Reis do Cariri* em Super-8, filmado em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. O CERES desempenhou importante papel como laboratório de pesquisa e centro de discussão sobre a diversidade cultural do Ceará ( NOGUEIRA, 2020).

Dada sua trajetória e contribuição acadêmica e artística à cultura do Ceará, Oswald Barroso recebeu inúmeros prêmios e homenagens ao longo de sua vida. Um reconhecimento que é fruto não apenas de realizações individuais, mas também de um trabalho coletivo de grande alcance social, fazendo de Oswald Barroso um dos autores e cidadãos mais queridos e respeitados do Ceará.

---

1 Passaram pelo CERES, em diferentes períodos, a partir de 1975, vários intelectuais, pesquisadores e artistas cearenses.

## Uma amizade e uma trajetória comum

Assim, preparado o terreno preambular deste artigo, no qual tratei rapidamente de algumas ações acadêmicas e obras culturais e artísticas de Oswald Barroso, passo agora à narrativa da minha amizade com ele, desenvolvida ao longo de cinquenta anos de parceria e ações comuns na cultura e nas artes. Conheci-o em 1974, quando ele veio ao Cariri cearense fazer uma série de entrevistas para o jornal *O Povo*. Tendo se encontrado com o xilógrafo e poeta Stênio Diniz, em Juazeiro do Norte, este lhe recomendou que falasse comigo, não para me entrevistar, mas para obter informações sobre o xilógrafo e gravador popular Walderedo Gonçalves, que já gozava de certa fama à época e a quem ele desejava entrevistar. Encontramo-nos no Crato, onde lhe falei sobre a importância de Walderedo para as artes do Cariri e do Nordeste e, em seguida, levei-o até ele. O encontro foi proveitoso, e Barroso realizou uma longa e antológica entrevista com o mestre da xilogravura do Cariri. Depois, à noite, na Praça da Sé, conversamos a respeito do entrevistado e falamos sobre Patativa do Assaré, Cego Oliveira, Mestre Noza, Mestre Nino, Dona Ciça do Barro Cru e outros mestres da tradição popular, bem como sobre os jovens artistas do Cariri que faziam parte do Grupo de Artes Por Exemplo, entre eles Geraldo Urano, o mais ousado e brilhante dos nossos poetas. Eram muitos os jovens reunidos em torno do *Grupo de Artes Por Exemplo*,<sup>2</sup> que editava revistas mimeografadas, apresentava performances, espetáculos e peças teatrais, além de realizar o Salão de Outubro — evento que, em parte inspirado pelo Festival de Inverno de Ouro Preto, conhecido por mim na época em que estudei lá (1970/1972), ganhou destaque na vida artística do Cariri cearense, mantendo-se, por décadas, à frente da arte independente na região.

Durante sua estadia no Crato, Oswald Barroso fez amizade com alguns integrantes do *Grupo de Artes Por Exemplo*, colaborando com o *Salão de Outubro* e facilitando contatos com outros artistas de Fortaleza, ao mesmo tempo em que realizava palestras e entrevistava artistas jovens e mestres das tradições nordestinas, publicando suas reportagens em jornais de Fortaleza. Em suas conversas, Barroso sempre introduzia temas de crítica social, de luta contra o autoritarismo e contra a exploração do trabalhador rural e dos operários, além de outras dificuldades enfrentadas pela população nordestina. O assunto da luta contra o autoritarismo e a ditadura, dada a periculosidade do pensamento crítico em relação ao sistema vigente, era mencionado apenas a poucas pessoas, de modo cauteloso; um desses interlocutores era José Roberto França, assíduo leitor de literatura marxista. O *Salão de Outubro* cresceu e contribuiu para o reconhecimento de uma geração de artistas e intelectuais comprometidos com uma estética de resistência e com a valorização da cultura nordestina.

2 O grupo era bastante heterógeno, sem regulamentos e fichas identitárias, agrupando dezenas de pessoas, a partir da participação nos eventos que promovia e nas suas publicações.

O *Grupo de Artes Por Exemplo* teve esse nome derivado de um show tropicalista que ocorrera na Bahia. Sofria influências de movimentos de contracultura, do tropicalismo e da antropofagia modernista, além de referências aos trabalhos de Lina Bo Bardi em Salvador (no Solar do Unhão), que valorizavam as culturas do povo, aproximando-as das vanguardas e dos movimentos de contracultura na época.<sup>3</sup> Uma das principais características do grupo era a diversidade de tendências e experimentos em fusão com a tradição, ao estilo do movimento tropicalista, do MCP pernambucano e das vanguardas baianas, tudo visando promover a cultura do Cariri no Ceará e no Nordeste. Entre os integrantes, havia diferentes níveis de conhecimento, informação e formulação teórica, assim como variavam o engajamento político e a compreensão do quadro político grave pelo qual o Brasil passava. É importante ressaltar o papel da música popular brasileira, que exerceu forte impacto artístico, social e político, despontando no Cariri por meio de novos músicos, cantores e compositores, reunidos em torno do *Festival da Canção do Cariri* e de outros movimentos culturais em Juazeiro do Norte e outras cidades.

Um estudo revelador sobre esse período, especialmente no que se refere às manifestações culturais e artísticas dos jovens do Cariri cearense, com análise dos aspectos de tradição e de modernidade em transe e sua inserção em um contexto mais amplo de hibridações, foi publicado pelo Dr. Prof. Roberto Marques, tornando-se uma obra de referência acadêmica importante (MARQUES, 2004).

Algum tempo depois, mudei-me para Fortaleza, onde iniciei uma nova fase de vida, profissional e acadêmica, ampliando meus horizontes. Como Oswald também vivia na capital, encontramos-nos muitas vezes, estreitando ainda mais nossa amizade, construída sobre afinidades culturais, artísticas e preocupações políticas compartilhadas, voltadas à esquerda. Desenhamos planos de ação cultural e, posteriormente, de ação política, quando Oswald Barroso me convidou a ingressar em uma célula clandestina do PCdoB, nos tempos de enfrentamento à ditadura, mas não somente para a luta contra o regime, e sim para organizar ações culturais que justificassem nosso envolvimento. Desde o início, discordávamos de determinadas tarefas de agitação e propaganda, acreditando que a função do artista consistia na arte — e que a arte, em si, era possibilidade de conscientização e transformação. A mobilização ocorria por meio de eventos culturais e publicações. Enquanto alguns se pautavam em manuais do pensamento marxista — sobretudo soviéticos, cubanos, chineses, albaneses ou da nova esquerda europeia —, outros buscavam caminhos próprios, sem perder de vista as questões sociais e políticas dentro da realidade cultural brasileira, caracterizada pela pluralidade étnica e simbólica, pela magia e pelo encantamento. No jornal e na revista *Nação Cariri*, foram publicados alguns textos de diversos autores que refletiam visões diversas, em variadas épocas. Em

3 A esse respeito, ver: CARIRY, Rosemberg. *Dona Ciça: o barro das maravilhas*. Fortaleza: Interarte Editora, 2019. p. 139-159.

certos momentos, Oswald Barroso apoiava teorias marxistas da arte (mesmo as mais modernas, como as de Gramsci, Lukács e outros), enquanto alguns textos escritos por pessoas do Cariri tinham viés mais desarvorado, aberto a dimensões humanas como o imaginário, o mágico, o lúdico, o fantástico e o mito. Acreditamos que essas visões mais livres e antiacadêmicas exerceram influência sobre a perspectiva de Oswald acerca da arte, ao longo de seu amadurecimento, bem como o convívio direto e afetivo com grandes mestres do Cariri cearense. Já no fim da vida, Barroso dizia-se “anarquista-catimbozeiro” e iniciado na jurema sagrada, afirmação que não pode ser interpretada literalmente, mas que indica uma mudança significativa na sua visão de mundo.

Nesse contexto histórico intenso, a amizade com Oswald Barroso ultrapassou o plano pessoal, expandindo-se no campo da cultura e das artes, e tornando-se, aos poucos, uma cooperação repleta de cumplicidades, da qual resultaram inúmeros projetos e uma convivência pautada por diálogos, trocas culturais e intelectuais. Entre conversas sobre arte, literatura, história, lutas e artes do povo, fomos percebendo que tínhamos uma missão em comum: lutar contra o colonialismo externo e interno, valorizar a cultura cearense e nordestina em suas diferentes manifestações e contradições, reforçando a consciência cultural e política associada às lutas populares por justiça e pelo retorno do país ao Estado de Direito democrático. Ao mesmo tempo, mantínhamos um olhar aberto às questões globais e ao diálogo com outros povos e culturas. Dizíamos não aos regionalismos fechados e a qualquer “folclorismo” estreito, reafirmando também a nossa admiração por poetas africanos, latino-americanos e de outras nações engajadas em lutas de emancipação anticolonial, cujos textos e poemas passaríamos a publicar, mais tarde, nas páginas do jornal e da revista *Nação Cariri*.<sup>4</sup>

## A Massafeira Livre e Siriará

Nos dias 15 a 19 de maio de 1979, no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, aconteceu a *Massafeira Livre* (EDNARDO, 2010), movimento coordenado pelo cantor e compositor Ednardo, organizado com a ajuda de Rodger Rogério, Augusto Pontes e Rogério Alencar Rafael, entre outros, reunindo jovens músicos cearenses, além de alguns nomes já conhecidos nacional e localmente, como Têti, Fagner, Amelinha, Belchior e o próprio Ednardo. A convite da produção, assumi a missão de organizar a participação de artistas do Cariri cearense e do interior, tanto os novos quanto aqueles ligados à tradição. Tive, para isso, a ajuda de Wilson Dedê, Jackson Bantim e Oswald Barroso, que, posteriormente, escreveria um artigo intitulado “Memórias do Woodstock Cearense”,<sup>5</sup> lembrando es-

4 DIÁRIO DO NORDESTE. *Nação Cariri, contra todo o tipo de colonialismo*. Fortaleza: Diário do Nordeste, 29 out. 1987.

5 BARROSO, Oswald. *Memórias do Woodstock Cearense*. In: O Povo, Fortaleza, 15 mar. 1999.

ses acontecimentos que deixaram marcas duradouras na cultura de Fortaleza. Além de nomes emergentes da canção, foi fundamental a presença de artistas e mestres vindos do Cariri. Houve ainda uma segunda edição da *Massafeira Livre*, contando novamente com a marcante participação de artistas e mestres do Cariri.

Nesse mesmo período, devido ao clima de efervescência no país — com exigências por mais direitos sociais, pela anistia de exilados e presos políticos e pelo fim da ditadura — realizaram-se múltiplas atividades em bairros, periferias, universidades e no centro histórico de Fortaleza: exposições de arte, lançamentos de livros, passeatas estudantis, recitais e shows em praças e bares, destacando a intensa atividade política e cultural. Oswald Barroso lembra:

Os bares, livrarias, redações de jornais e auditórios foram aos poucos se repovoando de poetas e escritores, em animadas conversas. Ideias novas pululavam nas ruas. À medida que o movimento e a organização popular iam se ampliando, a abertura política criava novos espaços para a imaginação. A liberdade de pensar era retomada e, junto dela, o debate acalorado de estéticas e ideologias. Nesse ambiente de sonhos efervescentes, em 08 de abril de 1979, o Grupo Siriará veio à luz. Reuniões e mais reuniões, tendo por epicentro a página literária do jornal *O Povo*, editada por Rogaciano Leite Filho, além de outra página, editada no jornal *Unitário* por Rosemberg Cariry.<sup>6</sup>

No bojo dessas inquietações políticas, culturais e artísticas, surgiu o *Grupo Siriará de Literatura* (LIMA, 2022), que teve o mérito de agrupar boa parte de uma geração de escritores e poetas que se encontravam dispersos em trabalhos isolados ou em pequenos núcleos artísticos e literários, próximos à UFC, no bairro Benfica, ou em bares como o Estoril e o Quina Azul. O grupo surgiu às vésperas da realização da 31ª Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1979),<sup>7</sup> evento de enorme relevância científica e política, que homenageou Patativa do Assaré ao inspirar-se no verso “Cante lá que eu canto cá”. Esse encontro abrangia programação acadêmica, científica, política e militante, com atividades literárias, seminários, espetáculos de arte e mostras de cinema, além de proporcionar o intercâmbio entre artistas e intelectuais do Ceará e de outras regiões.

Durante o congresso da SBPC, com o apoio de pessoas do Crato (Jackson Bantim, José Roberto França, Geraldo Urano, Wilson Dedê, Teta Maia etc.), de Oswald Barroso, Rogaciano Leite Filho e Firmino Holanda (de Fortaleza), e ainda inserido na atmosfera do *Grupo de Artes Por Exemplo* e do *Grupo Siriará de Literatura*, organizei e dirigi o espetáculo *Canto Cariri*, com a participação de mais de 50 artistas do Cariri cearense,

6 BARROSO, Oswald. Grupo Siriará de Literatura. In: *O Trem Azul*. Livro de memórias. [original digitalizado e inédito]. 2020. p. 101.

7 SBPC. *31ª Reunião Anual da SBPC*: Dilemas da produção científica no Brasil, 11 a 18 jul. 1979, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, CE. Homenagem a Carlos Chagas Filho; Destaque: Comemoração do Centenário de Albert Einstein. Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/livro/70reunioesanuais.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2025.

entre jovens músicos e poetas, bem como os mestres da cultura popular. O grande homenageado foi Patativa do Assaré, exaltado em um belo poema que Oswald Barroso escreveu para a ocasião.

O espetáculo foi um sucesso e rendeu enorme prestígio aos artistas e mestres do Cariri, fortalecendo a percepção — que se consolidaria ainda mais nos anos 1980 e 1990 — de que o Cariri cearense era um grande caldeirão cultural e artístico no Estado do Ceará e em todo o Nordeste, sobretudo no tocante às culturas populares e os seus encontros com jovens mais insubmissos.

O período que vai do final dos anos 1970 ao início dos 1990 evidenciou grande interação e parceria entre artistas do Cariri e de Fortaleza, fortalecendo laços culturais entre o interior e a capital e tornando conhecidos do grande público nomes como Patativa do Assaré (que atingiu uma espécie de consagração nacional), Cego Oliveira, Mestre Aldenir, Irmãos Aniceto, Dona Ciça do Barro Cru e Mestre Noza, entre outros. Também se ampliou o interesse pela cultura da região, mais vezes citada em matérias jornalísticas e artigos, e incorporada a espetáculos, gravações de filmes e discos etc. É verdade que o Cariri cearense, desde as primeiras edições do *Salão de Outubro* e do *Grupo de Artes Por Exemplo*, já despertava interesse entre artistas e pensadores de Fortaleza, mas essa atenção e difusão cresceu muito mais quando foi criado o movimento *Nação Cariri* (nascido das articulações anteriores e da crescente relação entre o Cariri cearense, Fortaleza e outras capitais do Nordeste), participando da então chamada luta por uma arte de resistência.<sup>8</sup>

## Nação Cariri – A região se alarga

O movimento *Nação Cariri*, por mim coordenado, teve suas raízes na efervescência cultural promovida pelo *Grupo de Artes Por Exemplo*, que agitava o cenário artístico do Cariri em meados dos anos 1970, e ganhou força em Fortaleza (a partir de 1980), com participação decisiva de Oswald Barroso, Firmino Holanda, Marta Campos, Carlos Emílio Correa Lima e outros. O jornal do grupo buscava fortalecer a expressão cultural do Cariri (levando em conta, inclusive, artistas caririenses que residiam em centros importantes, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo), mas se abriu para maior participação, reunindo, além de artistas da região e da capital cearense, criadores de outras partes do Brasil, notadamente do Nordeste. Havia um olhar específico para os chamados artistas das tradições do Cariri, mas sem perder uma perspectiva universalista, inspirada pela antropofagia oswaldiana, pela contracultura e pelo tropicalismo. O jornal *Nação Cariri* propunha um diálogo constante entre o local e o global, entre a cultura popular

8 CARIRY, Rosemberg. *Por uma arte de resistência*. In: O Popular, Goiânia, 15 maio 1982.

e movimentos de “vanguarda” e “contracultura”, equiparando-os numa perspectiva de contemporaneidade. Havia uma “invenção do Cariri” como a “Nação das Utopias”, como bem sintetiza um artigo que escrevi posteriormente sobre a nossa visão do “Cariri simbólico” e de fronteiras alargadas: “verdade e imaginação”, mito e realidade, não deixando de ter um fundamento na história, na sociologia e na antropologia (CARIRY, 2008).

O *Nação Cariri* transformou-se em um veículo importante para a divulgação de ideias e propostas culturais, reunindo artistas de áreas diversas — música, teatro, literatura, artes visuais e cinema — e valorizando histórias de resistência ao colonialismo cultural, principalmente num momento em que o Brasil lutava para reconquistar liberdades democráticas, em meio a processos de luta popular. Mais do que um periódico, o jornal se fez plataforma de combate ao autoritarismo e ao colonialismo, propondo uma arte vinculada às periferias das cidades e à juventude do sertão, sem abdicar das raízes populares.<sup>9</sup> Oswald Barroso destaca que, além das suas buscas estéticas e suas preocupações políticas de esquerda, o *Nação Cariri*:

[...] caracterizou-se pelo relevo dado às artes e aos artistas populares, trazendo-os para o primeiro plano. Entre estes artistas, teve participação destacada nas páginas de suas publicações, o poeta Patativa do Assaré. Muitos outros, ainda, foram revelados para o Brasil, tanto artistas do Cariri, a exemplo dos Irmãos Aniceto, Cego Oliveira, Dona Ciça do Barro Cru, etc.; como de outras regiões do Ceará e do Nordeste. [...] O encontro com os artistas populares influenciou profundamente setores intelectuais da classe média, ligada à Nação Cariri. O *Nação Cariri* buscava a ligação com uma literatura de combate terceiromundista. Nesta direção, publicou uma série de autores estrangeiros, latino-americanos, africanos e asiáticos, de preferência, identificados com suas propostas. Um bom número de lutas populares foi passado em revista, como Canudos, Quebra-Quilo e Caldeirão (BARROSO, 2019, p. 506-507).

Barroso gostava de frisar que o *Nação Cariri* funcionou como editora de livros, gestor do *Salão de Outubro*, promotor de revistas e jornais, álbuns e encartes; serviu de grupo de teatro mambembe, bloco de brincantes, produtora de filmes (alguns já em 16 mm), bem como laboratório de pesquisas sobre culturas populares, caravana de poetas e cantores, mantendo uma intensa produção de obras artísticas, espetáculos e recitais na fase de redemocratização nacional.

Oswald e eu, organizamos várias caravanas de artistas, percorrendo cidades do interior cearense, com cantores, músicos, sessões de filmes e lançamentos de jornais, livros, revistas e peças teatrais. Esse intercâmbio extrapolou Fortaleza e o interior do Ceará, alcançando algumas capitais do Nordeste, contando com o apoio de estudantes e artistas cearenses que se mudaram para outros estados. O jornal passou a ter distribuição relativamente mais ampla, contando ainda com colaboradores no Rio de Janeiro, em São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis, etc. Nessa rede, consolidaram-se encontros e diálogos entre distintas linguagens, tradições e experiências estéticas, expressando,

9 O POVO. *Nação Cariri faz três anos e entra em uma nova fase*. In: O Povo, Fortaleza, 26 abr. 1983.

de forma insubmissa, o espírito do movimento. A referência era a luta de resistência e combate aos colonialismos internos e externos (CAMPOS, 1986).

O nome Nação Cariri é uma referência à Confederação dos Cariris, que reúne índios de diversas tribos de todo o Nordeste, desde o São Francisco até o Maranhão, resistindo por décadas à invasão portuguesa. Inicialmente, o jornal tinha o objetivo de ser um elo entre os artistas do Cariri espalhados pelo Brasil. Com o tempo, porém, passou a ser produzido em Fortaleza, sempre com uma perspectiva universal. Publicamos trabalhos de artistas e escritores da África, de El Salvador, mas sem esquecer a nossa realidade. A linguagem é nordestina, mas sem regionalismos fechados. Estamos conectados com tudo que tem identidade conosco — novos poetas africanos, da Nicarágua, negros, latino-americanos e outras periferias do Brasil (BARROSO, 2020, p. 138).

O conceito de resistência, associando-se à *Guerra dos Bárbaros* ou *Confederação dos Cariri* (1683 – 1713), emergira ainda no Cariri cearense, no calor dos debates do *Grupo de Artes Por Exemplo*, nas célebres reuniões que fazíamos nos bancos da praça da Sé, debaixo dos oitizeiros. No Nação Cariri, a oposição não se restringia ao autoritarismo e ao colonialismo externo, mas voltava-se também ao “colonialismo interno”, refletido na hegemonia da cultura brasileira de regiões economicamente mais favorecidas (sobretudo o Sudeste) sobre as mais pobres e exploradas. Como forma de resistência, o movimento promovia a produção independente e concedia espaço a novas vozes e linguagens artísticas identificadas com as lutas populares e o anseio de liberdade, com atenção especial às periferias e às pequenas localidades, que viram no movimento um meio de expressar-se e ganhar visibilidade, embora se tratasse de uma iniciativa autônoma e colaborativa, com recursos escassos.

Mesmo com a repercussão positiva, a ampla abrangência e impacto cultural, o *Nação Cariri* acumulou prejuízos, sobretudo ao investir em edições mais onerosas (Editora Nação Cariri), na produção de discos (Cariri Discos) e em filmes mais ambiciosos (Cariri Filmes), bem como em espetáculos de maior custo. Isso levou ao encerramento das atividades em 1987, com a publicação da última revista.<sup>10</sup> O aclamado escritor José Alcides Pinto escreveu, na ocasião de lançamento da revista *Nação Cariri*: “O certo é que temos que reconhecer, queiramos ou não, que é um ato de verdadeiro heroísmo publicar uma revista de tamanho porte no Ceará – terra em que as letras e as artes só encontram hostilidades”.<sup>11</sup>

*Nação Cariri*,<sup>12</sup> ao longo de sete anos, foi uma onda nova, um movimento amplo e democrático, em buscas criativas e insubmissões que, com percalços e vitórias, passou por transformações dialéticas e simbólicas importantes, mesmo quando deixou de exis-

10 Edição comemorativa, capa colorida, ricamente ilustrada e com 112 páginas, cuja tiragem foi de dois mil exemplares.

11 PINTO, José Alcides. *Nação Cariri, ato de heroísmo*. In: *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1º dez. 1987.

12 O POVO. *Sete anos de cultura e ideias*. Fortaleza, 29 out. 1987.

tir como ação cultural mais visível.

[...] A passagem dos anos 80 para os anos 90 implicou uma reciclagem de ideias e propósitos: menos ilusões com a política e mais profissionalismo artístico. Para tal, alguns conceitos foram revistos e, de uma atitude de resistência militante, passou-se a um trabalho de ocupação de espaços e construção cultural. Ou melhor, muitas das premissas levantadas por Nação Cariri sofisticaram-se e foram traduzidas em obras de maior fôlego e sutileza, tanto na literatura, quanto no cinema, no teatro, na crítica de arte, na música e nos estudos de antropologia.

[...] A presença recorrente de temas e traços estéticos da vida e da linguagem popular no cinema, no teatro, na música, na literatura e até nas artes plásticas, que hoje se faz no Ceará, não é de todo alheia à influência militante que Nação Cariri exerceu em nosso movimento cultural. O mesmo acontece com o reconhecimento do mérito (inegável, mas por tanto tempo negado) de artistas populares que são hoje orgulho de cearenses e brasileiros. Talvez o espaço na mídia e nas homenagens oficiais a eles dedicado fosse menor, sem a intervenção de Nação Cariri (BARROSO, 2019, p. 506-507).

O fim das atividades editoriais do *Nação Cariri* não apagou suas propostas e seu ideário, que sobreviveram a diversas iniciativas nos anos seguintes, como o I Encontro das Culturas do Nordeste, o projeto *Mestres e Guardiões dos Saberes Populares* e as duas edições do *Festival Internacional de Trovadores e Repentistas (FESTVIOLA, 2004 e 2005)* — eventos que idealizei e dirigi, com a participação de Oswald Barroso, recitando e realizando palestras, preservando o espírito do *Nação Cariri*. O *FESTVIOLA* reuniu grandes mestres de diferentes estéticas de vários países (Portugal, Cuba, Japão, China, Chile, Uruguai, etc.). Em seu palco, estiveram artistas como Elomar, Xangai, Belchior, Amelinha, Pedro Mestre, Mestre Aldenir e seu Reisado, Ivanildo Vilanova, Geraldo Amâncio, Ednardo, Dona Zabé da Loca, Pereira da Viola, Cego Zé Oliveira e De Freitas, Fausto Nilo, Abidoral Jamacaru, Cleivan Paiva, Fagner, entre tantos outros.<sup>13</sup>

Trazíamos, portanto, do movimento *Nação Cariri*, o espírito insubmisso que recusava “confinar” os chamados “mestres da cultura” em redomas folclóricas, preservando-os como “sacrários” ou peças de museu. Para nós, tudo estava em movimento e se transformava, abrindo-se para o mundo.

Do mesmo modo, não existia arame farpado a separar a arte da vida ou a obra da pessoa; muitos mestres tornaram-se nossos grandes amigos e compadres. Um exemplo é o próprio Patativa do Assaré, que foi compadre meu e de Oswald Barroso: padrinho de Petrus Cariry e de Pedro Ângelo, mantendo com nossas famílias laços de grande amizade. Patativa era o nosso grande mestre, tinha para nós a importância que tiveram um Pablo Neruda no Chile, uma Garcia Lorca na Espanha ou Nâzin Hikmet na Turquia.

Assim, como eu e Firmino Holanda, no contexto do movimento *Nação Cariri*,

13 BARROSO, Oswald. *Catálogo dos Mestres do Mundo*. Edição digital com impressão em xerox do relatório, contendo fotos, textos sobre o evento e reportagens de jornais. Fortaleza: Interarte, 2004-2005.

Barroso compreendia o “mestre” como agente de renovação a partir da tradição,

[...] encarna em seu corpo a memória de um saber coletivo, mas não se limita a repeti-lo: inova e aprofunda a herança que lhe foi transmitida. [...] O Mestre, além disso, é a um só tempo artífice e artista. Seu fazer nunca é mecânico nem repetitivo. Nos produtos de sua criação está a marca não apenas da sua habilidade, mas também de seu gênio criativo. Suas obras são únicas, por isso, artísticas e subjetivas. Revelam um imaginário a um só tempo coletivo e individual. O Mestre trabalha com contraposições e analogias, metáforas do que traz no espírito. Seu saber é o saber de um rito, de uma série de procedimentos, que domina.<sup>14</sup>

Nos palcos, nas praças, nas ruas, nas terreiradas, nos livros, nas revistas e jornais, na TV e no cinema, os mestres que participavam do movimento *Nação Cariri* estavam sempre em interação com outros artistas de diversas linguagens e diferentes graus de experimentação artística, sem guetos que os isolassem em sua integridade nem rotulassem sua linguagem artística de forma reduitiva.

Tanto Oswald Barroso, que sugeriu a criação do *Centro de Literatura, Arte e Ciência (CLAC)*,<sup>15</sup> em 27 de janeiro de 1983, quanto eu, que propus depois — juntamente com o projeto *Mestres e Guardiões da Cultura — as Escolas de Saberes*, tínhamos nuances em nossa maneira de conceber a transmissão de conhecimento, a criação e a agitação cultural e social. Já fazíamos, por exemplo, uma distinção entre “Mestre” (alguém que, individualmente, recria, em seu tempo, a partir de um acervo cultural coletivo, mas conectado à inventividade e à contemporaneidade) e “Guardião da Cultura Popular” (aquele que acessa e conserva saberes coletivos, auxiliando em sua difusão). A partir de reflexões como essas, Barroso e eu nos engajamos em inúmeras iniciativas de defesa e valorização das culturas populares.

## Cultura Insubmissa

Um momento simbolicamente importante da minha parceria com Oswald Barroso foi a escrita, edição e lançamento do livro *Cultura Insubmissa* (1982), que representou um marco ao divulgar e celebrar a riqueza e a vitalidade da cultura popular caririense e cearense, analisando-a a partir de suas possibilidades criativas e de seus artistas mais relevantes. O lançamento, com apoio da Rádio Universitária da UFC, ocorreu na Concha Acústica da UFC, em 28 de novembro, durante um evento que reuniu artistas da tradição e jovens cantores, tanto do Cariri quanto de Fortaleza. Um grande encontro, com dezenas de artistas. A grande atração da noite foi o poeta Patativa do Assaré, que

14 BARROSO, Oswald. *Catálogo dos Mestres do Mundo*.

15 O POVO. *Artistas e intelectuais preparam a Fundação do CLAC*. In: O Povo, Fortaleza, 10 jan. 1983.

improvisou versos sobre o livro e seus autores, enaltecendo a coragem de enfrentar os poderosos da terra (na luta contra latifundiários e burgueses) e valorizar os artistas populares, salientando ainda a cultura como um instrumento de luta e de consciência coletiva para o povo cearense. A presença de Patativa do Assaré era sempre uma garantia de boa poesia e de uma manifestação política. Sobre o livro, Firmino Holanda escreveu:

[...]. A cultura popular, apesar de suas contradições (enraizadas sobretudo na herança católica colonial), traz em seu bojo inúmeras lições, marcas da condição de nosso povo em sua incessante luta pela transformação de sua dor atávica em mar de fartura e paz.

[...] Seja estudando ou debatendo, seja organizando mostras de cultura popular em praças e teatros, a realidade aqui estudada é um referencial constante na vida e na obra de Rosemberg Cariry e Oswald Barroso, que também são poetas dos mais representativos da atual geração em nosso Estado (HOLANDA, 1982).

Com tiragem de mil exemplares, *Cultura Insubmissa* figurou entre os livros mais vendidos no Ceará e se esgotou rapidamente, tendo sido lançado em algumas cidades do interior, onde foram realizados espetáculos e palestras. Hoje, a obra é considerada rara entre colecionadores, e uma segunda edição, revista por mim e por Oswald Barroso pouco antes de sua morte, está prevista. Nessa edição ampliada, esperamos trazer novas contribuições para análises da cultura cearense na atualidade, estimulando o debate e a reflexão crítica.

## Violeta Arraes – laços

Quando falamos da trajetória de Oswald Barroso, não podemos esquecer um fato importante que foi a posse, em 25 de agosto de 1988, da socióloga e psicanalista Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, ou simplesmente Violeta Arraes, recém-chegada da França, como Secretária de Cultura do Estado do Ceará (no governo de Tasso Jereissati, durante o processo de redemocratização do país).

Durante sua gestão, Violeta Arraes conseguiu abalar certos resquícios de cultura provinciana que, porventura, estavam enraizados nas instituições culturais públicas. Além disso, ampliou a visibilidade do Ceará nacionalmente e, por meio de boas relações com o exterior e com grandes nomes da cultura brasileira, modernizou as políticas públicas culturais cearenses e expandiu as fronteiras culturais e artísticas do estado. Seu legado inclui uma administração inovadora na gestão pública e nas instituições ligadas à cultura e o planejamento de projetos mais ousados. Foi durante a sua administração, com participação da Universidade Federal do Ceará, da Finep e outras instituições, que Violeta Arraes promoveu um debate organizado que visava uma política de sustentabilidade da indústria audiovisual no Ceará e no Nordeste. Mudanças políticas posteriores

terminaram por inviabilizar o projeto, permanecendo a ideia que floresceu em outros momentos e ainda hoje está em pauta, com a possível criação da *Ceará Filmes*.

Muito atenta aos acontecimentos, Violeta Arraes se aproximou de inúmeros artistas e intelectuais do Estado, entre os quais alguns integrantes do *Nação Cariri*, como Barroso, que já ocupava o cargo de diretor do Departamento de Ação Sociocultural da Secult-CE. Violeta Arraes o manteve nesse posto enquanto definia o novo *staff* administrativo.

Comigo, Violeta Arraes estreitou laços de amizade e cooperação (sem vínculo com o Estado), sobretudo no que dizia respeito à aproximação com os artistas do Cariri cearense. Foi nessa época que recomendei a Alembert Quindins que apresentasse a ela o seu projeto de educação cultural de crianças e adolescentes, o que resultou no forte apoio dado à *Casa Grande de Nova Olinda*, transformando-a e ajudando-a a alcançar repercussão nacional, graças aos seus contatos e conexões relevantes. Violeta Arraes manteve igualmente ligações próximas com Patativa do Assaré (seu parente) e com mestres e artistas do Cariri, a exemplo de Espedito Seleiro e Mestre Nino, promovendo-os.

Foi Violeta Arraes quem incentivou minha primeira viagem ao exterior (Portugal e França – 1991, para festivais de cinema) e obteve uma bolsa de estudos para Oswald Barroso, possibilitando-lhe cursos de especialização e formação cultural em Paris, onde ele se aprofundou em estudos de artes cênicas e gestão cultural. Hospedado na Cité Universitaire, na Maison du Brésil. Barroso encontrou ali um ambiente multicultural, com biblioteca, cinema e teatro, ampliando seus horizontes (BARROSO, 2020, p. 464-475).

Nesse período, Oswald Barroso visitou Villeneuve d'Ascq, um polo de desenvolvimento cultural computadorizado e bastante avançado para a época, onde fez estágio. Em seguida, percorreu Portugal, Andaluzia e Marrocos, buscando compreender as raízes ibéricas da cultura nordestina. Chegou a viajar para a Albânia, interessado em conhecer o contexto político local, em função de sua prolongada atuação no PC do B. De volta à França, viajou pelo interior do país, absorvendo as diversidades culturais. Participou de simpósios sobre teatro popular, relacionando a tradição “encenada” entre África, Portugal e Brasil, o que reforçou ainda mais seu interesse em incorporar influências afrodescendentes na arte nordestina. De um lado, o contato com culturas e formas de expressão estrangeiras enriqueceu Barroso; de outro, intensificou ainda mais sua dedicação à cultura popular do Ceará e do Nordeste, que ele passou a conceber como algo ainda mais hibridizado em suas múltiplas influências.

Nesse período, encontrei-me com Barroso em Paris. Visitamos museus e instituições culturais e muito conversamos sobre os processos formativos da cultura brasileira, sobre política e a nova esquerda europeia, fazendo contato com alguns grupos de esquerda e artistas de outras nacionalidades.

Ressalto esses fatos para mostrar a efervescência cultural do período e salientar que Violeta Arraes defendia a tese de que o Cariri cearense possuía uma cultura muito rica e diversificada, carecendo de incentivo e reconhecimento da sua capacidade criativa. Daí a sua proximidade com as pessoas que integravam o *Nação Cariri* e acadêmicos da região, como o Dr. Prof. Plácido Cidade Nuvens e o Dr. Prof. Patrício Melo, entre outros.

## O legado de Oswald Barroso

Após um longo período de doença, Oswald Barroso faleceu em 22 de março de 2024.<sup>16</sup> Diversas instituições públicas e culturais, no Ceará e em todo o Brasil, divulgaram notas de pesar, ressaltando sua trajetória admirável e sua relevante contribuição para a cultura do Estado. O corpo foi velado no Teatro José de Alencar, reunindo inúmeros artistas, brincantes de folguedos populares, acadêmicos, intelectuais e autoridades.

Em 26 de abril, no mesmo Teatro José de Alencar, em Fortaleza, ocorreu uma homenagem em memória de Oswald Barroso, intitulada *Sarau Ceará Mestiço*, reunindo artistas de várias expressões (teatro, folguedos, cinema, poesia, música), organizada pela poeta e produtora cultural Marta Pinheiro, com presença de familiares e muitos amigos. Na ocasião, para expressar meus sentimentos e prestar um tributo ao grande artista e amigo, li o seguinte texto que escrevi para ele:

Ele veio do mar, da beira-mar, da Fortaleza debruçada sobre a areia, grávida e apaixonada, mas tinha na alma a ânsia do sertão. O sertão não como um território físico e limitado, mas como encontro de mundos, de povos, de culturas, de utopias mal segredadas nas bocas dos velhos beatos e beatas. Tinha o fascínio pelas romarias, pelos artistas populares, pelos cantadores e cegos rabequeiros, pela majestade de Patativa do Assaré o “nosso poeta do futuro”. Era um homem que se alimentava de sonhos e poesias, cabeça dura e coração mole, que experimentava o teatro como um exercício pleno de representação do mundo e das suas lutas. Parceiro de tantos compositores, músicos e menestréis, encontrou na canção um fôlego para o seu melhor lirismo. Amava a juventude e gostava de estar entre jovens — sopro vital para o seu espírito inquieto. Talvez compreendesse, como o poeta Geraldo Urano, lá do Crato, que ‘a juventude é a granada de Deus’ (numa revisita a Nietzsche). A arte e a luta política eram vertentes que formavam um mesmo rio e a vida era o imenso caudal de lutas e aventuras que desaguava no mar de um destino que se constrói e onde também se é construído. Um dia partiu, assim como tudo parte, assim como se sucedem os crepúsculos e as auroras, assim como incessantes sopram os ventos terral e Aracati, assim como as estrelas seguem seu curso no céu e, no sertão, a natureza ora se veste de verde e ora se despe em um cinza mais dramático e profundo, cumprindo os ciclos cósmicos de morte e de ressurreições. Partiu, mas não partiu ao deixar sonhos e semear poesias. Partiu e não partiu ao deixar a consciência da realidade e a vontade de lutar para transformá-la.

16 ABÊ, Renato. *Morre Oswald Barroso, mestre do teatro cearense, aos 76 anos*. In: O Povo, Fortaleza, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaarte/2024/03/22/morre-oswald-barroso-mestre-do-teatro-cearense-aos-76-anos.html>. Acesso em: 8 dez. 2024.

Hoje, quando vemos os horrores cometidos pelo governo de extrema-direita de Israel, bombardeando e matando de fome o povo palestino, sitiado em Gaza, cercado por tanques e muros, pensamos no amigo Oswald Barroso e erguemos os punhos da nossa revolta e indignação, e nos reunimos nas praças e nas ruas, protestamos contra o horror do fascismo e contra os inimigos da vida.

A liberdade é uma estrela que avistamos ao anoitecer, avistamos na aurora e avistamos no pingo do meio-dia. Ela brilha sempre. A liberdade é uma estrela-guia.

Oswald Barroso presente!<sup>17</sup>

Por fim, depois de abordar aspectos do artista e do acadêmico, e de evocar algumas das ações culturais e obras que realizamos juntos ao longo de quase cinquenta anos, deixo como conclusão o reconhecimento do legado de Barroso para a cultura e as artes do Ceará e do Nordeste, que continuará a inspirar acadêmicos, estudiosos e pesquisadores da cultura popular, além de artistas de múltiplas linguagens. Destaco seu compromisso com o reconhecimento e valorização das culturas de diferentes povos e etnias nordestinas, sobretudo das classes mais pobres e desfavorecidas, enxergando em sua arte um instrumento de luta pelos direitos, pela cidadania e pela dignidade.

A vida e a missão de Oswald Barroso, como educador, artista múltiplo, militante político e pensador, são inseparáveis, pois se fundem de modo orgânico (no sentido gramsciano) com seu sentimento de pertença a uma “comunidade de destino” e ao que ele reconhecia como seu: o povo brasileiro, em sua multiplicidade e contradições, em meio ao seu conturbado processo histórico. Nesse sentido, ele reforçou a importância das tradições populares, bem como das práticas e inovações artísticas mais arrojadas, como alicerces da identidade brasileira e da construção de uma concepção mais profunda e mais igualitária de nação.

## Referências

### Livros e Revistas

BARROSO, Oswald. *Ceará Mestiço*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

BARROSO, Oswald. *Ceará Nômade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.

BARROSO, Oswald. *Nação Cariri – Jornal, Revista e Grupo*. In: *Ceará – Uma cultura mestiça*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 506-507.

BARROSO, Oswald. *O Trem Azul*. Livro de memórias. [Original digitalizado e inédito]. 2020.

BARROSO, Oswald; CARIRY, Rosemberg. *Cultura Insubmissa*. Fortaleza: Nação Cariri Editora e Livraria Gabriel, 1982.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Marta. *O colonialismo interno: o caso Nordeste*. Fortaleza: Ed. Banco do Nordeste do Brasil, 1986.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2013.

CARIRY, Rosemberg. *Cariri – A Nação das Utopias*. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; VASCONCELOS JR., Raimundo Elmo de Paula; ARAÚJO, José Edvar Costa de (org.). *História da Educação - Vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 364-399.

17 CARIRY, Rosemberg. *Oswald Barroso, presente*. [Documento original digitalizado]. Acervo do autor, 2024.

CARIRY, Rosemberg. *Dona Ciça: o barro das maravilhas*. Fortaleza: Interarte Editora, 2019. p. 139-159.

EDNARDO, Soares Costa Sousa (org.). *Massafeira 30 anos: som, imagem, movimento, gente*. Fortaleza: Aura Edições Musicais, 2010.

ESPINOLA, Adriano; BARROSO, Oswald; CARIRY, Rosemberg; CORREIA, Carlos Emilio; LEITE FILHO, Rogaciano. *Revista Siriará de Literatura*. Edição do Grupo Siriará de Literatura. Fortaleza, 1979.

HOLANDA, Firmino. *Orelhas* In: *Cultura Insubmissa*. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982.

LIMA, Batista de. *Manifestos da Literatura Cearense*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2022.

MARQUES, Roberto. *Contracultura, tradição e oralidade: (re)inventando o sertão nordestino na década de 70*. São Paulo: Annablume, 2004.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. *O lugar do Ceará nas políticas de preservação do patrimônio cultural nos anos 1980: entre os domínios da cultura e a emergência do turismo*. *ESTUDOS DE CULTURA MATERIAL/DOSSIÊ Democracia, Patrimônio e Direitos: a década de 1980 em perspectiva* · An. mus. paul. 28 · 2020. p. 1-30. Arquivo on-line. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/gcVncCNSjdqrY-DhRKYY6Syj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2025.

### Jornais

BARROSO, Oswald. *Memórias do Woodstock Cearense*. In: *O Povo*, Fortaleza, 15 mar. 1999.

BARROSO, Oswald. *Patativa: nosso poeta do futuro*. In: *Nação Cariri*, n. 5, Fortaleza, dez. 1981 – jan. 1982.

PINTO, José Alcides. *Nação Cariri, ato de heroísmo*. In: *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1º dez. 1987.

CARIRI, Rosemberg. *Por uma arte de resistência*. In: *O Popular*, Goiânia, 15 maio 1982.

O ESTADO. Rádio Universitária. *Promove espetáculo Canto Popular*. In: *O Estado*, Fortaleza, 26 nov. 1982.

O POVO. *A poesia choveu grosso na Praça do Ferreira*. In: *O Povo*, Fortaleza, 2 jan. 1983.

O POVO. *Artistas e intelectuais preparam a Fundação do CLAC*. In: *O Povo*, Fortaleza, 10 jan. 1983.

O POVO. *Chuva poética banhará o centro de Fortaleza*. In: *O Povo*, Fortaleza, 31 dez. 1982.

O POVO. *Cultura Insubmissa em Canto popular*. In: *O Povo*, Fortaleza, 28 nov. 1982.

O POVO. *Nação Cariri faz três anos e entra em uma nova fase*. In: *O Povo*, Fortaleza, 26 abr. 1983.

O POVO. *Sete anos de cultura e ideias*. Fortaleza, 29 out. 1987.

### Consultas On-Line

ABÊ, Renato. *Morre Oswald Barroso, mestre do teatro cearense, aos 76 anos*. In: *O Povo*, Fortaleza, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2024/03/22/morre-oswald-barroso-mestre-do-teatro-cearense-aos-76-anos.html>. Acesso em: 8 dez. 2024.

BARBALHO, Alexandre. *A política do audiovisual no Ceará: continuidades e rupturas*. *O Público e o Privado*, Fortaleza, v. 5, n. 9, jan./jun, p. 9–22, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeprivado/article/view/2356>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/31346-Texto%20do%20Artigo-111087-1-10-20160530.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MACEDO, Dimas. *Literatura e escritores cearenses*. *Jornal Oboé*. Disponível em: <https://vicentefreitas.blogspot.com/search?q=dimas+macedo&updated-max=2024-08-05T17:02:00-03:00&max-results=20&start=2&by-date=false>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MACIEL, Nilton. *A revista O Saco e o Grupo Siriará*. Disponível em: <https://literaturasemfronteiras.blogspot.com/2006/05/revista-o-saco-e-o-grupo-siriar.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.

NETTO, Raymundo. *O dia em que choveu poesia*. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/o-dia-em-que-choveu-poesia>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SBPC. *31ª Reunião Anual da SBPC: Dilemas da produção científica no Brasil, 11 a 18 jul. 1979*, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza-CE. Homenagem a Carlos Chagas Filho; Destaque: Comemoração do Centenário de Albert Einstein. Disponível em: <https://portal.sbpnet.org.br/livro/70reunioesaneais.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2025.

SOUZA, Luciane Ângelo de. *Análise de contexto da Política Pública dos Mestres da Cultura do Ceará com base na proposta de Avaliação em Profundidade das Políticas Públicas Sociais*. *Revista NAU Social*. v. 7, n. 12, p. 15-20, Maio/Out. 2016. Acesso; 28 de jan. 2024.

TAVARES FONTELES, Kalil; Sousa Moraes, Kleiton de. *Preto e branco, azul e vermelho: esquerdas e a cultura popular no jornal Nação Cariri (1980-1987)*. In: *Encontros Universitários da UFC*. V. 4 n. 3 (2019): *XII Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação / XII Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação*. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/56188>. Acesso em: 18 dez. 2024.

## Documentos

BARROSO, Oswald. *Catálogo dos Mestres do Mundo*. Edição digital com impressão em xerox do relatório, contendo fotos, textos sobre o evento e reportagens de jornais. Fortaleza: Interarte, 2004-2005.

CARIRY, Rosemberg. *Oswald Barroso, presente*. [Documento original digitalizado]. Acervo do autor, 2024.

CATÁLOGO FESTVIOLA. *O Sertão: O Mundo*. Catálogo do I Festival Internacional de Trovadores e Repentistas – FESTVIOLA. Quixadá e Quixeramobim, out. a nov. 2024.

MAIA, Teta; REINALDO, Rejane. *Anotações para uma história*. Fortaleza, 1989. [Texto digitalizado].

## Arquivo Cariri

### Jornal

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 1, Crato–CE, abr. 1980.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 2, Crato–CE, jul./ago. 1980.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 3, Cariri–CE, jan./fev. 1981.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 4, Crato–Fortaleza–CE, set./out. 1981.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 5, Crato–Fortaleza–CE, dez./jan. 1981/1982.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 6, Crato – Fortaleza–CE, abr./maio 1982.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 7, Crato – Fortaleza–CE, set./out. 1982.

NAÇÃO CARIRI. Jornal Nação Cariri, n. 8, Fortaleza–CE, maio/jun. 1983.

### Revista

NAÇÃO CARIRI. Revista Nação Cariri, n. 9, Fortaleza–CE, nov./dez. 1983. (Capa colorida – 90 p.)

NAÇÃO CARIRI. Revista Nação Cariri, n. 10, Fortaleza–CE, primeiro semestre de 1987. (Capa colorida – 112 p.)

## Sobre o autor

**Rosemberg Cariry** – Cineasta cearense, tendo escrito e dirigido mais de uma dezena de filmes, premiados em festivais de cinema em vários países: Brasil, Cuba, Argentina, EUA, Itália, Bélgica, França, Portugal, Índia, África do Sul e Turquia, entre outros. Teve ativa participação nos movimentos artísticos e literários do Ceará e editou revistas literárias, com destaque para o jornal/revista Nação Cariri. É Filósofo de formação e Doutor em Belas Artes pela Universidade do Porto.